

AVALIAÇÃO E APRENDIZAGEM



PRECISO
DE 8½
PARA NÃO
REPETIR



ISSO QUER DIZER
QUE NÃO POSSO
COMETER



MAIS DO
QUE DOIS
ERROS



DOIS ERROS
SÓ



E SE A PROVA
FOR MUITO
DIFÍCIL?



E SE CAIU
COISA QUE EU
NÃO SEI?



AI MINHA NOSSA
SENHORA



POR FAVOR,
ME AJUDE



SÓ DOIS ERRINHOS
E PROMETO NÃO
APRONTAR NUNCA
MAIS



PARA QUE ¹ SERVEM AS
PROVAS NA ESCOLA?

O QUE DEVE ²
PREVALECER NA HORA
DE EMITIR JUÍZOS DE
VALOR SOBRE O
DESEMPENHO DOS
ALUNOS: O PRODUTO
OU O PROCESSO?

SE, DURANTE O ³
PROCESSO DE
ENSINO-
APRENDIZAGEM,
TEMOS TANTAS
OCASIÕES DE
APRECIAR O
APROVEITAMENTO
DOS ALUNOS, COMO
PODEMOS JULGAR
SEU DESEMPENHO
SOMENTE ATRAVÉS DE
PROVAS?



4
ATÉ QUE PONTO A
EXPECTATIVA QUE
TEMOS NÃO
INFLUENCIA O
SUCESSO OU
INSUCESSO DOS
ALUNOS?

5
O QUE FAZER
QUANDO O ALUNO
"ERRA"?



SEJA OBSERVANDO UMA CRIANÇA na pré-escola, seja discutindo em conselho de classe a possível reprovação de um aluno, a avaliação é sempre acompanhada de dúvidas, incertezas e, muitas vezes, incoerências. E, no entanto, é um processo crucial para a vida de quem está sendo avaliado. Nossa sociedade reserva às instituições escolares o poder de conferir notas e certificados que, supostamente, atestam o conhecimento ou capacidade do indivíduo, o que torna imensa a responsabilidade de quem avalia.

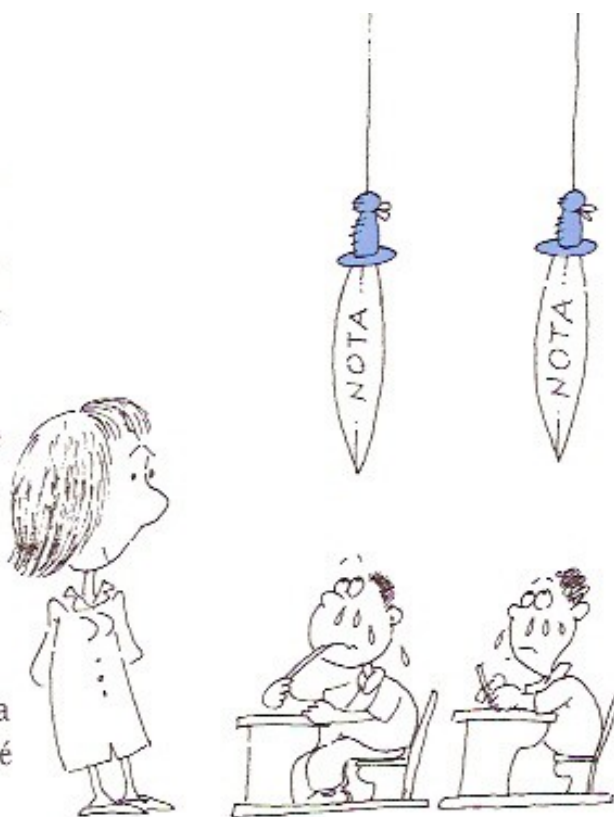
OS AUTORES que têm analisado a avaliação com uma visão crítica afirmam que ela pode exercer duas funções: a diagnóstica e a classificatória.



“ **A**s funções da avaliação são potencialmente duas: o diagnóstico e a classificação. Da primeira, supõe-se que permita ao professor e ao aluno detectar os pontos fracos deste e extrair as conseqüências pertinentes sobre onde colocar posteriormente a ênfase no ensino e na aprendizagem. A segunda tem por efeito hierarquizar e classificar os alunos. A escola prega em parte a avaliação com base na primeira função, mas a emprega fundamentalmente para a segunda. ”

Mariano Enguita

NAS ESCOLAS, de maneira geral, há grande preocupação com a nota ou conceito atribuído ao aluno. Ligada diretamente à aprovação ou reprovação dos alunos, a nota acaba se tornando um fim em si mesma, ficando muito distanciada e sem relação com as situações de aprendizagem. Mesmo quando a escola providencia uma revisão de conteúdos, é para “melhorar a nota”.



NESSA VISÃO, A AVALIAÇÃO serve apenas para julgar e classificar. A participação do aluno nesse processo é pequena e, muitas vezes, ele nem mesmo tem clareza do porquê dos resultados obtidos; a nota chega como uma sentença, definindo seu destino escolar e, às vezes, até seu destino fora da escola.

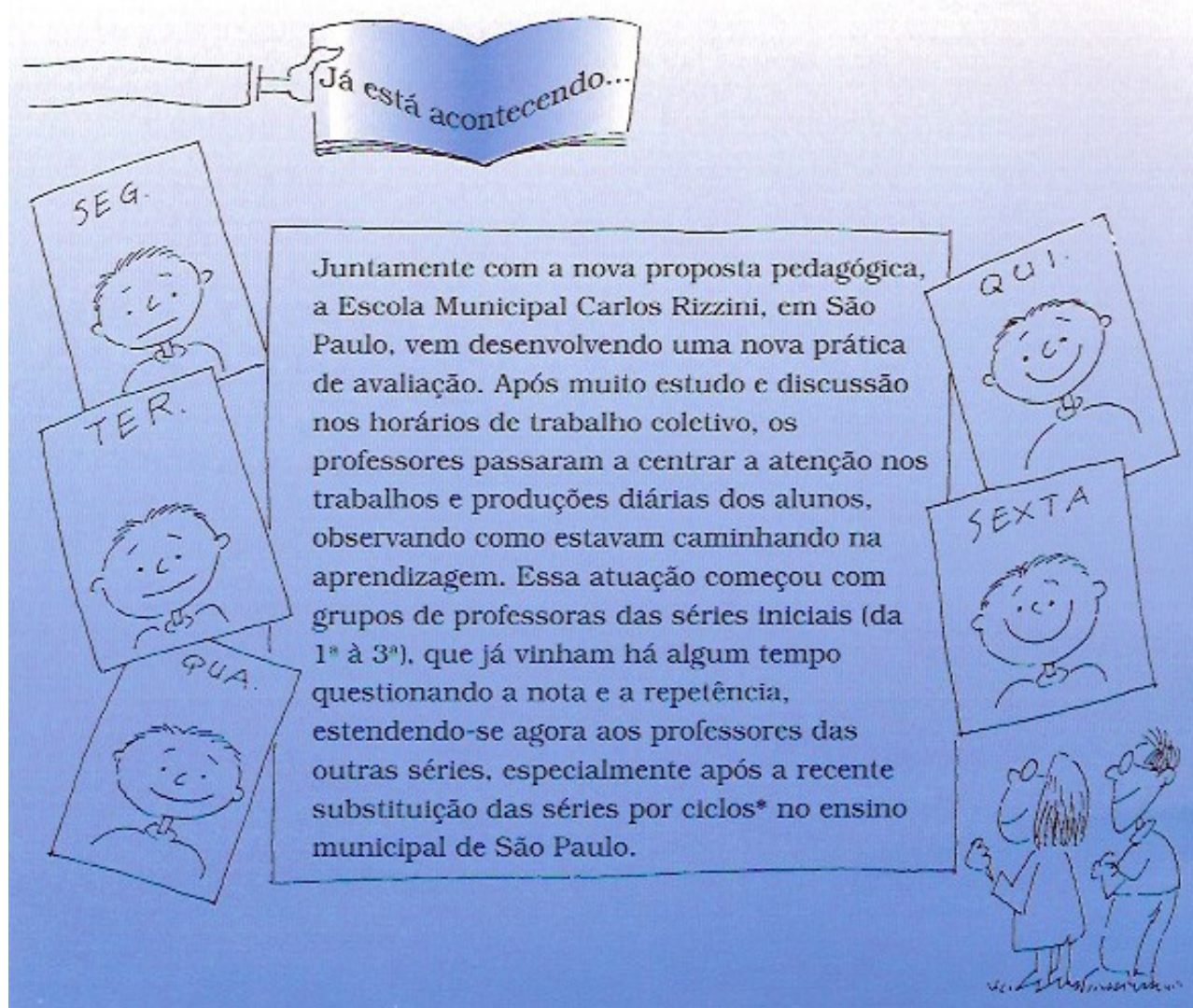
PENSAR A AVALIAÇÃO apenas como ferramenta para aprovar ou reprovar reforça o lado cruel da escola. Quando esta simplesmente classifica os mais capazes de prosseguir os estudos na série subsequente, acaba penalizando aqueles que pertencem às classes sociais desfavorecidas, mais distanciados da cultura escolar – que são os que mais fracassam.

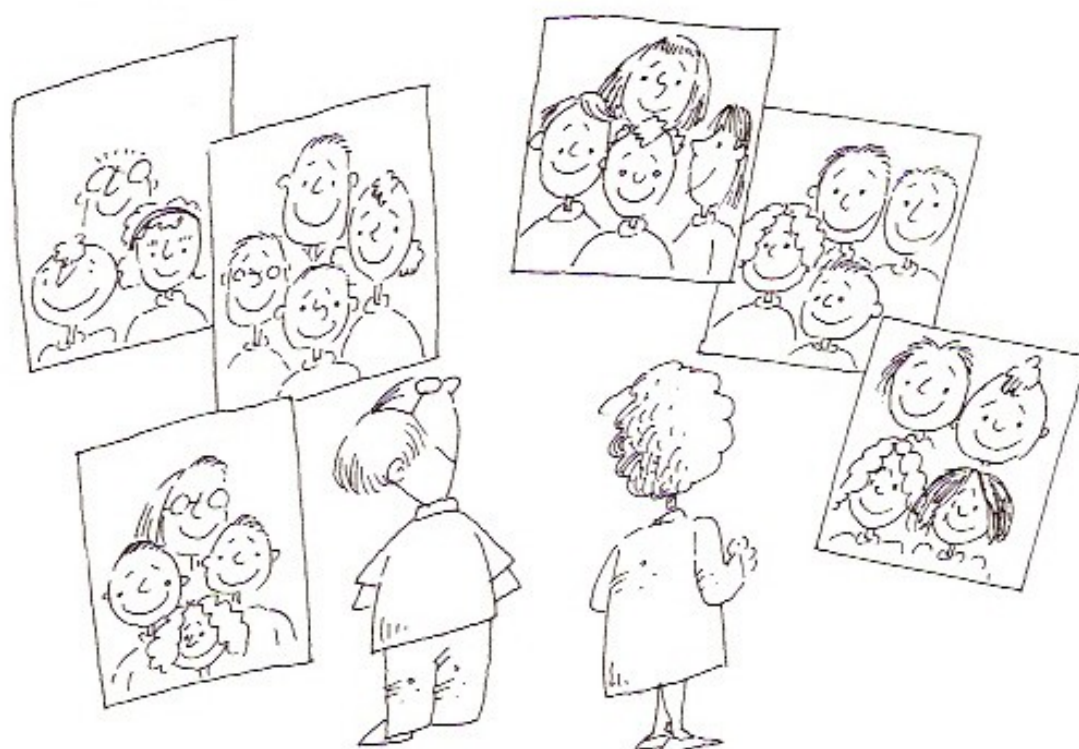
AVALIAR PARA
APROVAR OU
REPROVAR
REVELA UM
LADO CRUEL
DA ESCOLA

ALÉM DE JULGAR O DESEMPENHO DOS ALUNOS nos aspectos cognitivos de forma parcial e inadequada, a escola, muitas vezes, também usa notas para controlar a disciplina dos alunos e enquadrá-los em regras e normas que considera desejáveis, revelando total ausência de reflexão sobre o significado da avaliação.

REPENSANDO A AVALIAÇÃO NA ESCOLA

ATUALMENTE ESTE QUADRO vem se alterando: ao lado de novas formas de gestão e organização, de novas maneiras de conduzir o ensino e a aprendizagem, muitas escolas vêm repensando a função da avaliação. Sua prática vem mostrando que a avaliação pode ser um instrumento para ajudar o aluno a aprender, quando centrada nas atividades diárias da sala de aula.



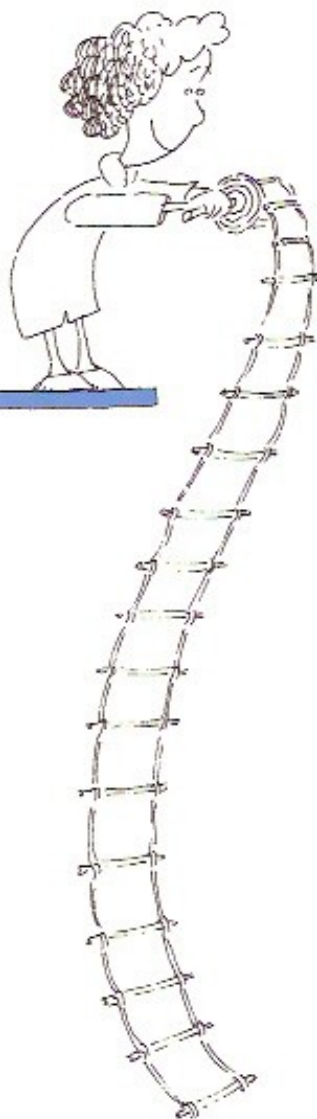


Na Escola Reitor Álvaro Rocha, em Ponta Grossa, (PR) os alunos são avaliados cotidianamente através do conjunto de atividades das quais participam. Procurando romper com a relação entre estudo e nota, a equipe da escola propõe a avaliação por objetivos. Com isso, espera uma vinculação maior dos alunos com a aprendizagem e não mais com a nota apenas. Essa forma de avaliação, coerente com o projeto da escola de superar o fracasso de alunos, está inserida na proposta de curso não-seriado, mas estruturado em níveis**.

*Na organização do 1º grau por ciclos em São Paulo, o primeiro ciclo compreende as três primeiras séries, o segundo as séries da 4ª à 6ª e as duas restantes compõem o terceiro, não havendo reprovação dentro de um mesmo ciclo.

**No outro caso, os níveis 1 e 2 correspondem aos anos pré-escolares, o nível 3 integra o pré, a 1ª e 2ª séries, o seguinte vai da 3ª à 5ª e o último, da 6ª à 8ª, não havendo reprovação dentro de um mesmo nível.

OS DOIS EXEMPLOS mostram que a decisão de transformar a prática avaliativa não é tomada de uma hora para outra, nem é tomada de forma isolada das outras decisões relativas à proposta pedagógica: as alterações na forma de avaliar são integrantes do projeto da escola, demandando estudo e reflexão, resultando do trabalho coletivo dos professores.



A AVALIAÇÃO vista como acompanhamento da

AVALIAÇÃO
CONTÍNUA,
INVESTIGATIVA
E DIAGNÓSTICA

aprendizagem
é contínua, é
uma espécie de
mapeamento

que vai identificando as conquistas e os problemas dos alunos em seu desenvolvimento. Dessa forma, tem caráter investigativo e processual. Ao invés de estar a serviço da nota, a avaliação passa a contribuir com a função básica da escola, que é promover o acesso ao conhecimento; e, para o professor, transforma-se num recurso precioso de diagnóstico.



EQUÍVOCOS E CONTRADIÇÕES

SE É DESEJÁVEL que a avaliação tenha um caráter diagnóstico e contínuo, é preciso para isso tomar certos cuidados. Acompanhar as atividades que os alunos realizam, analisando com eles seus avanços e dificuldades, vai ajudá-los a aprender e melhorar suas competências; mas não se pode transformar as situações de sala de aula em “tarefas” às quais se atribuem notas ou conceitos. Juntar esses resultados parciais para estabelecer, pela média, a apreciação sobre o desempenho dos alunos significa apenas ter mais notas, e não garante a atuação de acompanhamento e diagnóstico. A avaliação continua sendo classificatória.

AS CRIANÇAS PRECISAM DE TEMPO para exercitar suas competências e interagir com o conhecimento, pois a aprendizagem é de natureza processual. Quem está aprendendo não passa de um dia para outro de uma situação de “nada saber” para a de “saber tudo”, mas faz um percurso de idas e vindas. Vai elaborando as informações que recebe de tal modo que esses conhecimentos novos se tornam “definitivos”, até que surjam novos desafios e o processo continua, possibilitando novas aquisições e novos conceitos.

A AVALIAÇÃO
É PROCESSO

A AVALIAÇÃO, assim, tem de adequar-se à natureza da aprendizagem, levando em conta não só os resultados das tarefas realizadas, o produto, mas também o que ocorreu no caminho, o processo. Para isso, é preciso observar:

- Que tentativas o aluno fez para realizar a atividade?
- Que dúvidas manifestou?
- Como interagiu com os outros alunos?
- Demonstrou alguma independência?
- Revelou progressos em relação ao ponto em que estava?



SÓ A CONSIDERAÇÃO CONJUNTA do produto e do processo permite ao professor estabelecer interpretações adequadas sobre o desempenho dos alunos. Dependendo desse desempenho, às vezes é preciso rever o que foi inicialmente proposto.



O projeto Sala de Recursos, desenvolvido na Escola Estadual Arlindo Gomes, em Campo Grande (MS), foi implantado inicialmente pela Secretaria Estadual para atender crianças com necessidades especiais da 1ª à 4ª série. Atualmente também se destina à recuperação de outros alunos que, por razões diversas, apresentem dificuldade de aprendizagem. Encaminhados por seus professores, os alunos são primeiro avaliados por especialistas e passam a freqüentar diariamente as atividades da Sala de Recursos, fora do horário de aulas, até superarem a dificuldade.

Há uma troca constante entre a professora do projeto e as professoras das classes sobre o desenvolvimento das crianças, os conteúdos trabalhados na classe e as atividades desenvolvidas na Sala de Recursos. Isso tem auxiliado na compreensão das razões do "fracasso" das crianças e das formas mais adequadas para intervenção do professor nas situações de ensino.

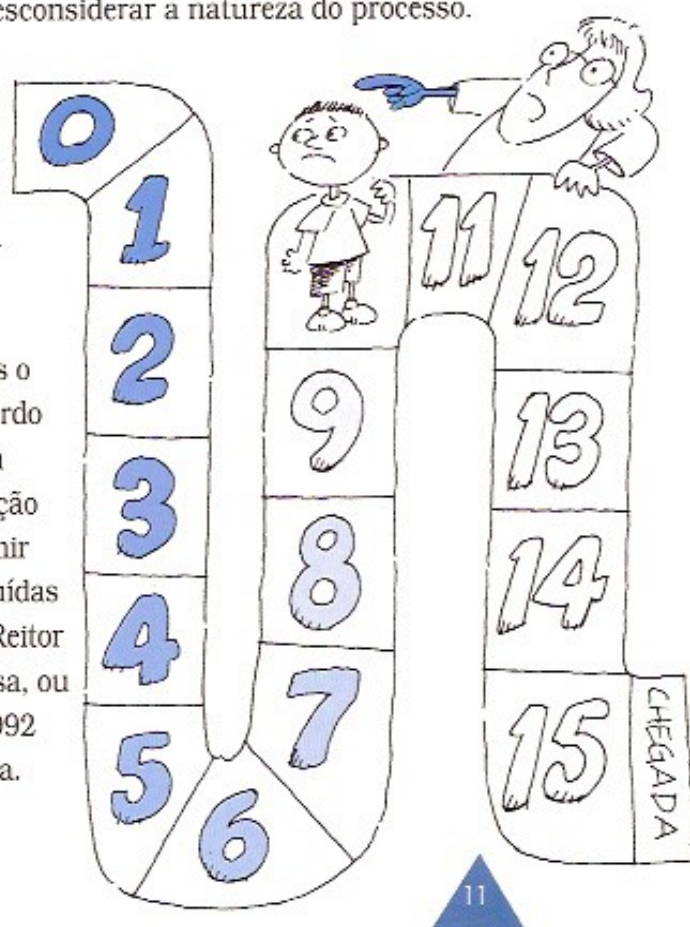
A AVALIAÇÃO, assim, tem também a função de orientar os procedimentos de ensino em sala de aula. É através dela que o professor obtém informações básicas sobre quantos e quais alunos estão conseguindo realizar as atividades, onde estão concentradas as dificuldades e de que natureza são; e para pensar até que ponto essas dificuldades estão relacionadas com o que foi proposto, com os materiais utilizados, com o tempo oferecido, ou com outras condições gerais do funcionamento da escola. A partir daí as atividades podem ser reprogramadas, para atingir as metas curriculares.

AVALIAR
PARA
REPLANEJAR

GERALMENTE, quando o aluno não está aprendendo, algo não vai bem com o modo de ensinar, e quem precisa rever seu procedimento é o professor.

NA APRENDIZAGEM, o aluno sempre alcança progresso e deve prosseguir do ponto em que parou. Admitir a idéia de começar tudo de novo, repetir o ano todo, é desconsiderar a natureza do processo.

ESSE ENTENDIMENTO vem levando alguns sistemas municipais e estaduais a repensar a seriação na escola fundamental, na tentativa de buscar novas formas de organização através das quais o aluno possa caminhar de acordo com suas possibilidades, sem tantos retrocessos. A eliminação das séries anuais pode assumir várias formas, sendo substituídas por "níveis" como na Escola Reitor Álvaro Rocha, de Ponta Grossa, ou pelos "ciclos" adotados em 1992 pela administração paulistana.



ACOMPANHAMENTO E ANÁLISE DOS RESULTADOS



A PRÁTICA DA AVALIAÇÃO, como acompanhamento cotidiano da aprendizagem, ajuda o professor a emitir juízos de valor mais adequados sobre o aproveitamento escolar dos alunos.

INDEPENDENTEMENTE DA FORMA pela qual a escola expressa esses juízos de valor – notas, conceitos – e da frequência com a qual os emite (bimestral, semestral), essa formalização tem um caráter de síntese. Nesses momentos, faz-se uma reflexão maior e mais cuidadosa sobre os resultados atingidos.

É IMPORTANTE DEFINIR com clareza e antecedência os pontos de chegada desejados pelos professores, bem como os critérios pelos quais o grupo vai julgar se os alunos estão ou não se aproximando dessas metas. Embora tais critérios tenham uma dimensão subjetiva e dependam dos valores do professor, é importante fazer um esforço para defini-los. Isso torna as regras do jogo mais explícitas, esclarecendo o que é esperado, tanto para o professor como para o aluno.

EM SUA PRÁTICA de avaliação,
algumas escolas adotam:

- discussão entre os professores sobre o desempenho dos alunos, com base no registro de acertos e dificuldades revelados na realização das atividades em classe;
- organização das produções dos alunos em pastas individuais, que possibilitam uma visão global do trabalho e do crescimento de cada um;
- acompanhamento, através de registro sistemático e regular, do desempenho do aluno nas diferentes áreas.



É IMPORTANTE realizar a análise
de resultados junto com outros
professores da escola, num
trabalho coletivo. Isso traz ganhos
para a prática da avaliação:

- as competências desejadas, bem como os critérios para julgar quais alunos estão se aproximando delas, vão ficando mais consensuais e podem estar sendo sempre revistas;
- as apreciações sobre trabalhos e produções dos alunos podem ficar mais objetivas, na medida em que participam outros avaliadores, além do professor da classe ou área.





Ao longo do semestre, os professores da Escola Municipal Carlos Rizzini guardam os trabalhos, bem como os registros sobre os aspectos considerados mais significativos da aprendizagem dos alunos, da forma que julgam mais adequada: em caderno específico ou nos próprios trabalhos. Ao final desse período, o material é organizado numa pasta contendo relatórios sobre o processo da classe e de cada aluno, uma coletânea das suas produções mais significativas e indicações de seus avanços e dificuldades. Esses dados são discutidos no horário de trabalho coletivo, havendo um momento de síntese para cada classe.

Em Porto Alegre, na Escola Municipal Gilberto Jorge, há critérios definidos por séries e áreas pelos professores, dentro de uma orientação comum que leva a avaliar toda a produção dos alunos. Conclui-se o processo nos Conselhos de classe, do qual participam a equipe técnica, professores e representantes dos alunos. Antes do Conselho, professores e alunos fazem observações por escrito sobre a aprendizagem ocorrida no bimestre: o que foi aprendido, quais as dificuldades, como pretendem lidar com elas no bimestre seguinte. Avaliam também o desenvolvimento dos trabalhos em equipe e questões gerais da escola.

Os professores trazem para o Conselho todos os trabalhos realizados pelos alunos para apresentação e discussão. Há troca de idéias antes de chegarem a uma apreciação final sobre cada aluno. Não se levam notas prontas, pois só depois do Conselho é que os professores formalizam esse registro.



AVALIAÇÃO DE ATITUDES E COMPORTAMENTOS: UMA QUESTÃO DELICADA

AO TENTAR VER O ALUNO COMO UM TODO, corre-se o risco de avaliar da mesma forma tudo o que ele apresenta. Quando observamos atentamente o caminho percorrido pelo aluno e o produto por ele realizado, observamos, também, suas atitudes e comportamentos: participação, interesse, iniciativa, autonomia, facilidade para trabalhar em grupo. E surgem as questões:

- essas manifestações devem ser avaliadas?
- será que a melhor forma de avaliá-las é com notas?
- até que ponto a avaliação formal desses aspectos não se transforma em "controle"?



O FATO DE CONSIDERAR todos os aspectos do desempenho do aluno não implica a necessidade de avaliá-los formalmente, nem contabilizá-los através de notas. A avaliação de atitudes está sujeita a um alto grau de subjetividade por parte do professor. A atribuição de notas, além de não ajudar os alunos a desenvolver atitudes adequadas, acaba servindo apenas para controle de comportamento. Melhor do que dar nota é dar retorno ao aluno sobre a conveniência ou não de suas atitudes e ajudá-lo a desenvolver novos comportamentos mais favoráveis a sua aprendizagem e a sua participação no grupo.

AVALIANDO
PARA PROMOVER
A MUDANÇA

Já está acontecendo...

Em Jaguaré, (ES), na Escola Comunitária Rural do Giral, ao final de cada bimestre alunos e professores sentam-se em círculo para avaliar suas atitudes na escola: a convivência nos trabalhos em grupo, o desempenho individual, frequência, interesse e participação nas aulas. Cada aluno se vê pelos olhos do grupo-classe e pelos olhos do professor, enquanto este também é avaliado pelos alunos.

A avaliação feita dessa forma não tem o objetivo de classificar ou reprovar alunos. É encarada como reflexão necessária para o crescimento individual e do grupo. É chamada "avaliação de convivência", que se agrega a uma auto-avaliação e à avaliação dos conhecimentos apropriados pelo aluno.



E AS PROVAS, PARA QUE SERVEM?

AS PROVAS são compatíveis com outras formas de avaliação, desde que se tenha clareza de seus limites:

- seus resultados não podem ser utilizados como único indicador de desempenho escolar. Em geral, as provas mostram somente o que as crianças sabem sobre uma pequena amostra de um universo de possibilidades;
- seus resultados não podem ter valor absoluto, já que sua elaboração e correção têm um certo grau de subjetividade. Além disso, os resultados obtidos pelo aluno podem estar ligados a outros fatores, que nada têm a ver com a maior ou menor apropriação dos conhecimentos testados: falta de familiaridade com a linguagem, contexto imediato da aplicação, tempo insuficiente etc.



ALÉM DISSO, não se pode esquecer que o retorno para os alunos, sobre os resultados corretos ou esperados, é parte inseparável da prova: cada aluno precisa saber em que e por que acertou ou errou.

A CORREÇÃO pode ser feita a partir da problematização e discussão das respostas – as incompletas, as incompreensíveis, as que mostram que o aluno não entendeu o que foi pedido, as que reproduzem “fielmente” os assuntos tratados, as que mostram que não havia uma única resposta possível... As formas de correção, os critérios, a atribuição de valores também devem ser discutidos com a classe.

A CORREÇÃO
COMO
MOMENTO DE
APRENDIZAGEM

COM ESSES CUIDADOS, as provas podem compor, com outros instrumentos, um conjunto coerente de práticas de avaliação.

OS PRÓPRIOS ALUNOS AVALIAM SEU CRESCIMENTO

É VITAL CONSIDERAR A AVALIAÇÃO como um processo interativo, através do qual educadores e educandos aprendem sobre si mesmos. A reflexão sobre o desempenho é mais rica quando realizada por todos os envolvidos: o professor, o próprio aluno e o grupo-classe. A avaliação de uma professora da Escola Labor para uma aluna, em São Paulo, oferece elementos para que ela perceba seu crescimento.

Joana,

Juntas pela primeira vez, começamos devagarinho a nos conhecer, aprendendo com o passar dos dias a melhor forma de nos relacionarmos. No início você quase não falava: seus olhos assustados exploravam o ambiente com receio. Não participava das atividades em grupo, preferindo ficar sozinha.

Devagarinho você foi se soltando, construindo amizades, se aproximando de mim e deixando que eu me aproximasse também.

Hoje já conta para mim seus problemas, conversa com todo o grupo, não tem medo de expor suas idéias. Passou a escrever textos mais relacionados com sua própria experiência de vida. Cada vez aumenta mais sua necessidade de se expor, ultrapassar seus limites, criar e recriar suas idéias, voando a cumes sempre mais elevados.



A SELEÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE TRABALHOS DOS ALUNOS

realizados num período determinado de tempo, estratégia utilizada por várias escolas, é uma forma adequada para que as crianças visualizem seu processo particular de aprender. Com a ajuda do professor e refletindo sobre sua própria produção, a criança pode perceber seus pontos fortes, suas dificuldades, tornando-se mais consciente de seu processo de aprendizagem.

AVALIANDO
A PRÓPRIA
PRODUÇÃO,
O ALUNO
PERCEBE SEU
CRESCIMENTO

NO COTIDIANO DA SALA DE AULA, os alunos devem ser ajudados a refletir sobre a maneira como estão realizando cada tarefa e como podem melhorar suas competências num determinado tipo de aprendizagem. A auto-avaliação coloca o aluno na condição de olhar criticamente não só o resultado do seu trabalho, mas também o que aconteceu no caminho percorrido. Um roteiro pode ajudar a pensar sobre:

- as condições em que a tarefa foi feita: Quando? Onde? Em quanto tempo?
- o material utilizado: anotações, documentos, livros
- como foi feito o trabalho: o que se fez primeiro, o que facilitou, o que dificultou.



UM OUTRO PROCEDIMENTO que pode enriquecer a percepção de si próprio é levar o aluno a “ver” seu trabalho pelo olhar do outro. As crianças de uma classe não são iguais e essa diversidade é fundamental para a interação e para a melhoria do desempenho individual. Ao final das atividades, cada uma pode fazer apreciações sobre os trabalhos dos colegas:

VENDO SEU
TRABALHO
PELO OLHAR
DO COLEGA

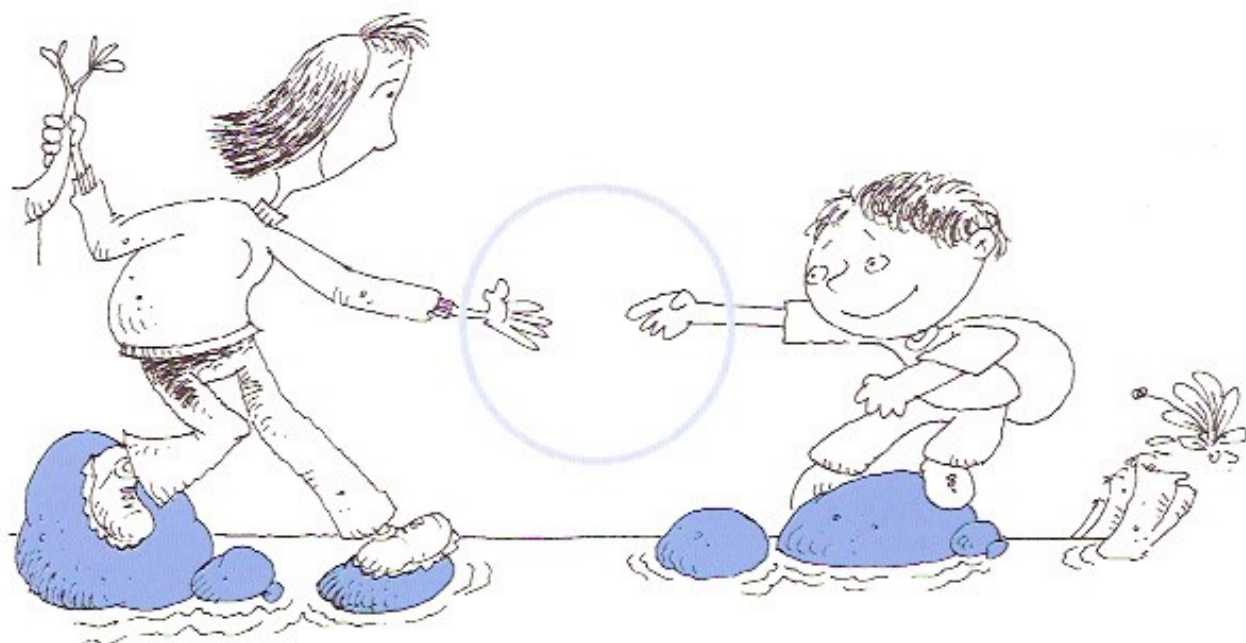
- A parte de que mais gostei do seu trabalho é...
- O que não ficou claro pra mim é ...
- Acho que o jeito como você apresentou foi ...
- Você podia melhorar seu trabalho se...



QUALQUER QUE SEJA A ESTRATÉGIA utilizada nesse momento – com a classe toda, em duplas ou pequenos grupos – é fundamental que o professor já venha analisando e comentando os trabalhos dos alunos de uma forma saudável, valorizando o que foi feito e estimulando-os a buscarem melhores soluções, com a postura de quem tem confiança na capacidade do aluno aprender.

“ É preciso ser parceiro do aluno nas dificuldades, senão ele começa a desistir...” ”

Professor da Escola do Giral, Jaguaré (ES)



ERRO E APRENDIZAGEM



SER PARCEIRO DO ALUNO nas dificuldades significa também ficar atento à maneira como os alunos aprendem, preocupando-se com a forma de corrigir os trabalhos e lidar com o erro.

HÁ MUITO TEMPO a escola vem super-valorizando os acertos nas tarefas e apontando os erros, considerados inaceitáveis e definitivos. Em consequência, muito cedo o aluno se recrimina a cada erro que comete. Fica com a idéia de que o conhecimento é uma coisa pronta e acabada: ou se acerta ou se erra, e as respostas estão sempre e somente na cabeça do professor.

ESSA PRÁTICA está ancorada na idéia de que aprendemos por acúmulo de acertos, num processo linear e contínuo. No entanto, sabemos que o conhecimento é dinâmico, é um movimento de idas e vindas, e que as verdades são provisórias. Descobrir que errar não é pecado leva os alunos a se soltarem, a se arriscarem mais nos trabalhos e tarefas.

“ **A**s coisas têm muitos jeitos de ser, depende do jeito da gente ver. É bom ver de um jeito agora, ver de outro jeito depois, e melhor ainda ver na mesma hora dos dois. ”

Jandira Masur

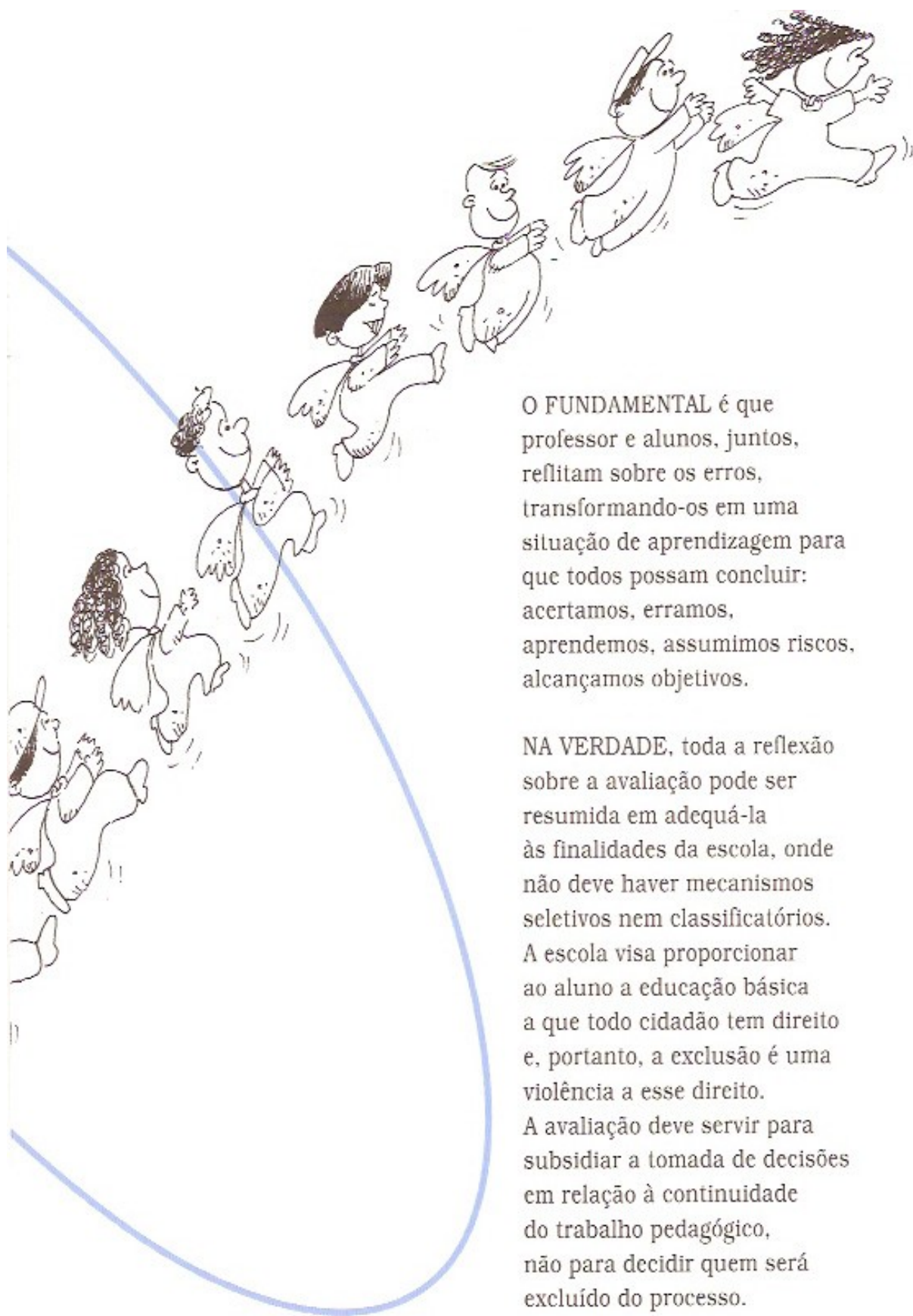
PODE PERSISTIR, no entanto, a velha dúvida: o que fazer quando um aluno “erra”? Qual a melhor atitude do professor frente ao erro? Não há porque ter medo ou evitar o erro: a questão é como transformá-lo em um problema, em um diálogo, em uma situação de aprendizagem. Em vez de proferir o costumeiro certo x errado, será melhor ajudar o aluno a:

- perguntar-se sobre suas dificuldades:
 - Onde foi que eu errei?
 - Por que?
- ouvir o grupo:
 - Por que você resolveu essa questão desse jeito?
 - Como você conseguiu essa resposta?
 - O que você acha que a questão pediu?

POR SUA VEZ, o professor também se perguntará:

- Será que a tarefa foi adequada?
- O que eu pretendia que o aluno aprendesse?
- A instrução para a tarefa era clara?
- Que outra tarefa ou questão posso propor para que esse aluno avance?





O FUNDAMENTAL é que professor e alunos, juntos, reflitam sobre os erros, transformando-os em uma situação de aprendizagem para que todos possam concluir: acertamos, erramos, aprendemos, assumimos riscos, alcançamos objetivos.

NA VERDADE, toda a reflexão sobre a avaliação pode ser resumida em adequá-la às finalidades da escola, onde não deve haver mecanismos seletivos nem classificatórios. A escola visa proporcionar ao aluno a educação básica a que todo cidadão tem direito e, portanto, a exclusão é uma violência a esse direito. A avaliação deve servir para subsidiar a tomada de decisões em relação à continuidade do trabalho pedagógico, não para decidir quem será excluído do processo.

Alguns textos de apoio:

DEPRESBITERIS, Léa. Avaliação da aprendizagem: revendo conceitos e posições. In: SOUZA, Clarilza P. (org.) *Avaliação do rendimento escolar*. Campinas: Papirus, 1991. p.51-76.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade*. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1993.

IDÉIAS [revista] n.8. São Paulo: FDE, 1991.

LUDKE, Menga, MEDIANO, Zelia. *Avaliação na escola de 1º Grau*. Campinas: Papirus, 1992.





Coordenação Geral

CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação,
Cultura e Ação Comunitária

Autoras

Maria Alice Setubal (Coordenadora)
Alice Davanzo Quadraldo
Marta Amabile Mansuetti
Marta dos Mervos Ferreira Sampaio
Marta Estela Bergamin
Marta José Regina Ribeiro
Marta Wolke Grossmann
Rafael Léo Brunstein
Zita Prieto Parente

Preparação de Originais

Marta dos Mervos Ferreira Sampaio
Marta José Regina Ribeiro
Marta Wolke Grossmann
Tina Amado

Edição de Texto

Tina Amado

Edição de Arte

Dra. Paraguaná de Arruda Câmara
José Ramos Neto

Ilustração

Michele Jacocca

Iniciativa

Fundação Itaú Social
UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

Coordenação

CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação,
Cultura e Ação Comunitária

Agradecimentos

Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Acre
Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso do Sul
Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte, MG
Secretaria Municipal de Educação de Campos Grande, PB
Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, MT
Secretaria Municipal de Educação de Ijuí, RS
Secretaria Municipal de Educação de Itajaí, SC
Secretaria Municipal de Educação de Jaguaré, ES
Secretaria Municipal de Educação de Maranguape, CE
Secretaria Municipal de Educação de Ponta Grossa, PR
Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, RS
Secretaria Municipal de Educação de Recife, PE
Secretaria Municipal de Educação de Senador Canedo, GO
Fundação S.O.S. Amazônia
Escola Básica Aníbal César, Itajaí, SC
Escola Comunitária Rural do Girai, Jaguaré, ES
Escola Estadual Arlindo de Andrade Gomes, Campo Grande, MS
Escola Estadual Senador Adalberto Senna, Rio Branco, AC
Escola Municipal da Ipitanga, Recife, PE
Escola Municipal de Primeiro Grau Benedito Pereira Lima, Senador Canedo, GO
Escola Municipal de Primeiro Grau Carlida Becker, São Paulo, SP
Escola Municipal de Primeiro Grau Carlos de Andrade Ribeiro, São Paulo, SP
Escola Municipal de Primeiro Grau Demócrito Rocha, Maranguape, CE
Escola Municipal de Primeiro Grau Desembargador Amador Lima, São Paulo, SP
Escola Municipal de Primeiro Grau Dora Tomich Latender, Belo Horizonte, MG
Escola Municipal de Primeiro Grau Gilberto Jorge da Silva, Porto Alegre, RS
Escola Municipal de Primeiro Grau Presidente João Pinheiro, São Paulo, SP
Escola Municipal de Primeiro Grau Raul Pinheiro Machado, Ponta Grossa, PR
Escola Municipal de Primeiro Grau Soares de Barros, Ijuí, RS
Escola Municipal de Primeiro Grau Tereza Benqueis, Curitiba, MT
Escola Rector Álvaro Augusto Cunha Rocha (RACR), Ponta Grossa, PR
Grupo Escolar Dr. José Tavares (CEAJ 11), Campinas Grande, PR
Labor (Escola de Primeiro Grau) Herman Gmetner, São Paulo, SP



INICIATIVA



APOIO

**MINISTÉRIO
DA EDUCAÇÃO**

COORDENAÇÃO

